

Comunicação,
Educação e Consumo

3ª SÍNTESE

Consciência crítica do uso da mídia pelos alunos

RELATÓRIO
2024

CÁTEDRA
M.A. BACCEGA

ESPM

INTRODUÇÃO

A Cátedra Maria Aparecida Baccega, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo - PPGCOM da ESPM, é dedicada às inter-relações entre comunicação e consumo, privilegiando a sua interface com o campo da educação. Desde 2019, a Cátedra tem realizado pesquisas com educadores dos ensinos Fundamental e Médio sobre seus hábitos de consumo midiático e como trabalham as mídias com seus alunos. A partir dos dados coletados, são desenvolvidas ações para apoiar a formação de educadores, de forma a contribuir para uma melhor utilização e consumo dos meios.

No sexto ano desse estudo longitudinal, os grupos focais foram - pelo segundo ano consecutivo - realizados exclusivamente com educadores da Rede Estadual de Ensino de São Paulo, com apoio da Unidade de Cooperação Técnica e Pesquisa (UCTEC) - EFAPE, visando ampliar as reflexões acerca da educação para a mídia e para o consumo.

Foram realizados dois grupos focais após o término do ano letivo de 2024, contabilizando a participação de nove educadores. A condução dos grupos focais foram alicerçadas em cinco tópicos, a saber:

- 1 | Como se dá o consumo de mídia pelos professores
- 2 | Uso e produção de mídia na sala de aula
- 3 | **Consciência crítica do uso da mídia pelos alunos**
- 4 | Projetos de educação para os meios (e para o consumo) nas escolas
- 5 | Relação com a Tecnologia e IA

Nesta 3ª síntese, apresentamos as análises realizadas a partir dos relatos dos professores sobre a consciência crítica (ou a ausência dela) no uso da mídia pelos alunos.

CONSCIÊNCIA CRÍTICA DO USO DA MÍDIA PELOS ALUNOS

O terceiro bloco do grupo focal concentrou-se na coleta de percepções e experiências dos professores sobre a criticidade no uso de mídia pelos alunos. Os educadores puderam relatar suas vivências frente aos desafios de promover a criticidade e o letramento digital dos estudantes em um cenário marcado por rápidas transformações tecnológicas, pela centralidade das redes sociais e pelo uso crescente de ferramentas de IA, como o ChatGPT.

Durante a discussão, emergiram preocupações quanto à forma como os estudantes se relacionam com a informação. Alguns professores apontaram que, embora os alunos tenham acesso facilitado a conteúdos atualizados, não sabem acessar adequadamente e não tem profundidade para argumentar. Segundo os educadores, os estudantes apresentam dificuldades para lidar com textos mais densos, demonstrando pouca paciência para elaborações mais profundas. Ao mesmo tempo, notou-se que os alunos possuem certa desenvoltura na produção de materiais com o uso de mídias digitais, o que reforça a existência de uma lacuna entre o domínio técnico e a capacidade de análise crítica.

Esse conjunto de percepções revela um paradoxo importante: enquanto os estudantes demonstram familiaridade e agilidade no uso de recursos digitais, mostram-se pouco preparados para interpretar, questionar e aprofundar os conteúdos com os quais interagem. Diante disso, surge o questionamento entre os professores de como educar para a leitura crítica das mídias, para o uso ético da tecnologia e para a construção de uma autonomia intelectual dos estudantes.

O uso das mídias digitais, por exemplo, é uma preocupação comum entre os educadores ao pensarem em uma formação crítica. Embora não neguem a importância da tecnologia, reforçam que seu uso deve ser mediado pedagogicamente e analisado com profundidade. Uma das educadoras participantes chama atenção para a necessidade de uma educação digital que vá além do uso técnico das tecnologias: “Você vai usar o ChatGPT, tudo bem, mas você não vai pegar a primeira coisa que você colocou lá e entregar. Vamos usar a mesma criticidade que nós tínhamos quando fazíamos pesquisa”.

Essa preocupação também está presente na fala de outra professora que destaca que muitos alunos buscam informações em redes como o TikTok, o que exige dos docentes uma ação propositiva: “Eles acabam pesquisando tudo no TikTok. Então eu falo para eles que jamais TikTok. Mas às vezes tem ali um pesquisador... Então eu falo: procure saber quem é aquela pessoa, ela tem formação?”.

A prática do debate também surge como ferramenta de construção do pensamento crítico. Um dos professores compartilhou uma experiência de debate em sua escola que acontece em duas etapas: uma com fontes pré-definidas pelos professores e outra mais livre, em que os alunos escolhem suas próprias fontes. A atividade permitiu que os alunos notassem, por si mesmos, a fragilidade de suas argumentações quando utilizavam fontes menos confiáveis: “Eles perceberam que pesquisaram de uma forma mais fraca. Então, na próxima, vão ter que pesquisar de maneira mais profunda”, contou. Esse processo de autoavaliação crítica revela o potencial de ações pedagógicas bem estruturadas para fomentar o desenvolvimento de habilidades analíticas e a responsabilidade no uso da informação digital.

Além de tais questões, as falas dos educadores demonstram também grande criatividade na articulação de conteúdos curriculares com mídias digitais e atividades ligadas a atividades culturais contemporâneas. Como é o caso de um projeto comentado por uma das educadoras, em que uma atividade da aula de literatura contou com uma produção de uma *telenovela estudantil* baseada na obra *Iracema*. O projeto envolveu leitura, encenação, produção audiovisual e ilustração, e foi tão bem-sucedido que passou a ser solicitado por outras turmas: “Eles liam o livro, foram fazendo a parte de encenação, foram fazendo a telenovela... ficaram cobrando no ano seguinte para também fazerem”.

Essa abordagem integra múltiplas linguagens e valoriza a autoria estudantil, despertando o interesse pela literatura e ampliando o repertório cultural dos alunos. Outra professora relatou que costuma usar documentários e séries para discutir temas sensíveis como depressão, bullying e relações tóxicas iniciadas em redes sociais. Ao articular esses temas com o currículo, ela cria espaços de diálogo e reflexão: “Eu trago esse debate sobre o uso da tecnologia, principalmente agora, no século XXI”.

Nesse sentido, a interdisciplinaridade aparece como uma estratégia potente. Uma docente de biologia apontou que mesmo conteúdos de outras áreas podem ser mobilizados para análises críticas com seus alunos: “Mesmo que o vídeo fale sobre história, se eu tiver conhecimento, eu trago. Porque dentro da biologia, a gente tem a multidisciplinaridade que aborda história, sociologia, política...”. Essas experiências mostram que o uso criativo das mídias, aliado à construção de sentidos com os alunos, fortalece a aprendizagem e o engajamento.

Por fim, as falas dos professores também revelam desafios estruturais enfrentados no cotidiano escolar. Entre elas, a falta de infraestrutura em algumas escolas para realizar atividades usando as mídias em sala de aula. Embora seja vista como uma medida positiva pelos educadores, a recente proibição do uso de celulares pelos alunos no ambiente escolar, também representa um obstáculo para o desenvolvimento de projetos que envolvem gravação de vídeos, podcasts e outras produções digitais. Apesar de algumas escolas possuírem tablets e notebooks, “a questão de gravar com o celular acaba sendo melhor. O diretor está até vendo uma câmera para continuar esses projetos”, comentou uma das educadoras participantes do grupo focal.

Diante dessas limitações, os professores destacam a necessidade de criatividade pedagógica e uso de recursos alternativos. Além disso, há um apelo à valorização da autonomia docente, como alertou um dos professores frente ao perigo da padronização e do distanciamento do educador do conteúdo: “Se você não se apropriar disso, esse menino e essa menina não sentirão que essa aula lhe pertence”. Nessa mesma linha de pensamento, outro educador levantou um questionamento quanto à própria formação dos professores: “O aluno também fala que não tem tempo. E aí você reclama do aluno, mas age da mesma forma. Como professor, você tem que tomar cuidado de onde tirou aquela informação”, pontuou.

Nesse sentido, também foram mencionadas iniciativas externas voltadas à formação digital dos estudantes. Um dos professores compartilhou a experiência de parcerias com instituições que oferecem materiais educativos sobre privacidade, segurança e ética no ambiente digital: “O material é muito rico. Vai ensinando onde está a lei, o que é privacidade, o que pode ser postado”. O conjunto dessas experiências evidencia não apenas os caminhos possíveis para uma educação midiática crítica e criativa, mas também os desafios estruturais que precisam ser enfrentados para que contribua com uma formação mais crítica dos alunos.
